

**Deisiane Pereira Carlos**

**Gênero, Mulher e Viuvez: As Mulheres nas Minas Gerais (1760-1840)**

**Instituto de Ciências Humanas e Sociais-UFOP**

**Mariana- 2014**

**Deisiane Pereira Carlos**

**Gênero, Mulher e Viuvez: As Mulheres nas Minas Gerais (1760-1840)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Dr. Marco Antônio Silveira

**Instituto de Ciências Humanas e Sociais-UFOP**

**Mariana-2014**

## **Agradecimentos**

*Agradeço a todos que torceram e contribuíram para a conclusão desse trabalho, direta ou indiretamente, o apoio de tantas pessoas queridas foi fundamental. Agradeço ao meu orientador, Marco Antônio, pela confiança, incentivo, bons conselhos, críticas construtivas e pela paciência budista! Agradeço aos meus pais, sem vocês nada disso teria sido possível! Essa vitória é nossa! Meu irmão, avós, primos e primas, tias queridas, pelo apoio e incentivo. As minhas irmãs da República Frikote, agradeço as ex-alunas pela torcida e por sempre acreditarem em mim. As atuais moradoras pelo cantinho aconchegante e a acolhida sempre carinhosa, mais uma etapa vencida meninas!*

*Aos camaradas do curso de História, meus queridos do 08.2, a TODOS vocês que me acompanharam nessa jornada e foram essenciais! Em especial a Carol, Doan, Luzia e Rodrigo, vocês foram meu porto seguro por inúmeras vezes! Com vocês, pude “alargar o meu horizonte de expectativas”!*

*À galera de Ouro Preto: Wiki, Tyu – Chuck, Grampola, Tunico, Arrombado... A companhia de vocês é sempre muito agradável, o ICHS é melhor com vocês! Obrigada pelo carinho e pela irmandade!*

*Aos amigos de longa data e que muito me incentivaram a concluir essa etapa: Fabiana, Eric, Cleide, Poly, Neca, Priscila, Ana e ao meu “irmão” que pude escolher: Sandro! Vocês não me deixaram desanimar quando o cansaço queria me vencer.*

*À todos vocês o meu eterno carinho e gratidão, vocês fazem parte da MINHA HISTÓRIA!*

## **Epígrafe**

***“Não se nasce mulher: torna-se.”***

***Simone de Beauvoir.***

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo discutir a organização e a forma como essas mulheres escreveram sua história nas Minas Gerais. Buscamos aqui traçar de forma sintetizada, um quadro geral do que essas mulheres vivenciaram, do núcleo à frente do comando de seus lares, até casos onde identificamos mulheres que gerenciaram os negócios de suas famílias. Visamos quebrar os estigmas referentes à situação feminina dos séculos XVIII e XIX, onde a imagem predominante eram das mulheres relegadas as atividades domésticas e as obrigações familiares. Apoiados por trabalhos pioneiros que se encontram aqui referenciados, discorreremos sobre a condição dessas mulheres perante a sociedade, na tentativa de conceituar a vida delas nesse período, quebrando esses estigmas. Além de uma bibliografia pautada para a escrita do trabalho, contamos com uma documentação, que constitui tema para a minha dissertação de mestrado, o estudo de caso de uma viúva, que irá nos ajudar a compor o nosso texto. A documentação analisada é formada por correspondências pessoais, recibos de compra e venda, testamentos, inventários, entre outros, o que permitiu vislumbrar aspectos das relações comerciais da viúva.

Procuramos ainda realizar uma abordagem geral, traçando o perfil das mulheres que viveram nas Minas entre os séculos XVIII e XIX.

**Palavras-chave:** Mulheres, Viúva, Minas, América Portuguesa.

## **Abstract**

This work aims to study, discuss and broke some stigmas, from the eighteenth and nineteenth centuries, regarding the women's social organization and how these people wrote their history in Minas Gerais state, in Brazil. I have listed, as an overview, what these women have experienced in order to identify their position ahead of their homes and familiar companies.

Supported by pioneering works that are referenced here, I have analyzed personal documents such correspondences, bills, wills, inventories to study one woman. All documents have enabled to understand aspects about of her trade relations. Beside this, this work aim to break the strict point of view about our patriarchal society, where women have relegated to household chores and family obligations.

**Keywords:** Women, widow, Minas Gerais State, Portuguese America.

## **Lista de Imagens**

FIGURA 1 – Documento de crédito de venda. Sumidouro (1762).....	26
FIGURA 2: Recibo (1766) .....	27
FIGURA 3: Contas de Clara Felícia da Rosa. ....	28

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. A ESCRITA NA HISTÓRIA. QUESTÃO DE GÊNERO: ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NAS MINAS (SÉCULOS XVIII E XIX)..... ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>	
<b>2. A QUESTÃO DA HONRA: A GESTÃO DE FAMÍLIAS ENEGÓCIOS.....</b>	<b>16</b>
<b>3.QUEBRANDO PARADIGMAS: AS MULHERES QUE RESSIGNIFICARAM A POSTURA DAS MULHERES NAS MINAS – O CASO DE CLARA FELÍCIA DA ROSA (Mariana, Minas Gerais, 1720 - 1785).....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>26</b>

## INTRODUÇÃO

*“A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos.”<sup>1</sup>*

A temática da mulher e suas distintas vertentes nos possibilitam ouvir as vozes que muitas vezes passam despercebidas, não somente delas (as mulheres), mas de todos os outros grupos, indivíduos e instituições que estão a elas interligados. Escrever sobre a vida dessas mulheres, vislumbrar o seu cotidiano, os espaços que ocupavam e entender o seu papel, não é tarefa fácil! O intuito desse Trabalho de Conclusão de Curso é buscar no micro, a sistematização do macro na história das Minas, bem como as relações de poder que foram desenvolvidas. Na epígrafe, destacamos um trecho do livro, cuja organização é de Mary Del Priore, intitulado “História das Mulheres no Brasil”. Neste livro, há uma reunião de textos de conceituados pesquisadores que enfatizam a importância dos estudos de gênero na historiografia brasileira, sendo possível analisar as suas repercussões e as novas perspectivas dentro do universo feminino. Somado a evidenciar a importância delas nos séculos XVIII e XIX, dentro da Minas Gerais. No capítulo III, poderemos analisar como é ser viúva frente ao campo da história da família<sup>2</sup> em Minas Gerais no século XVIII, bem como as suas trajetórias e explicitar a sua importância para a história, em diversos aspectos, com o auxílio de uma bibliografia focada na micro história.

O tema da mulher, amplo e de múltiplas possibilidades de abordagem, tem, neste estudo, o intuito de ir um pouco mais a fundo, de se evidenciar as particularidades e a especificidade do cotidiano dessas mulheres. De forma generalizada, vamos discorrer sobre o ambiente e o papel de escravas, libertas, mulheres brancas e viúvas. Com um capítulo dando

---

<sup>1</sup> DEL PRIORE, Mary. “Introdução”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 7.

<sup>2</sup> LEWKOWICZ, Ida. *Vida em Família: Caminhos da igualdade em Minas Gerais (Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Ed. Annablume. 2007. Fica adotado para o projeto o termo “família” como nuclear, seguindo os conceitos com que Lewkowicz trabalha em seu livro. A mais adequada seria a nuclear, por se tratar de família iniciada por “dois indivíduos independentes”, fugindo das grandes famílias que englobavam grande número de pessoas, como no caso do objeto de estudo em questão, se trata do homem e da mulher no período dos setecentos.

destaque a participação das mulheres brancas, pertencentes às elites coloniais, na constituição da sociedade mineira no período dos setecentos. Que papel essas mulheres desempenhavam? Como se comportavam e quais estigmas lhes eram atribuídos? Estaremos especificando as viúvas na constituição da sociedade das Minas setecentistas, contemplando o estudo de caso de Clara Felícia da Rosa, mulher, viúva de Manoel de Oliveira Pinto, sem filhos e que possuirá importante trajetória para a análise proposta. O intuito desse trabalho é o de apontar caminhos que suscitem questionamentos, afim de que se possa pensar certas questões que foram renegadas na História por um longo período, e que, gradativamente, vem galgando seu caminho e contribuindo de forma considerável na Historiografia das Minas.

## 1. A ESCRITA NA HISTÓRIA. QUESTÃO DE GÊNERO: ENFRENTAMENTOS E CONQUISTAS DAS MULHERES NAS MINAS (SÉCULOS XVIII E XIX)

A história foi, por muito tempo, escrita e composta fundamentalmente por homens, convencendo-se por excluir a presença feminina dos relatos historiográficos. Em meados da década de 70, com os esforços de historiadores internacionais, como: Carlo Ginzburg, Jacques Revel, Giovanni Levi, dentre outros, e os nacionais, essenciais para esse trabalho: Mary Del Priore, Ronaldo Vainfas e Renato Venâncio, temos uma elucidação sobre a sociedade e o universo feminino que circunda a construção da identidade e sociedade brasileiras, com suas características e aspirações. A Escola dos Annales retomou a narrativa, criando possibilidade para a história social se expandir. Somente no final dos anos de 1980 o tema surgiu como campo definido de pesquisa para os historiadores. Esta exclusão da representação feminina não foi marco único na historiografia brasileira, pois está presente também nos Estados Unidos e em alguns países europeus. Contudo, nesses locais, a história de lutas pelos direitos das mulheres e o reconhecimento da condição feminina foram anteriores e mais significativos do que a experiência vivida no Brasil. Com a terceira geração da escola dos *Annales*, a chamada *Nouvelle Histoire*, foi possível redimensionar as pesquisas do âmbito político para o social e do macro para o micro. Essas mudanças possibilitaram a inserção das mulheres e de seus estudos de caso na história. De lá para cá, um expressivo número de publicações a cerca do tema vem fortalecendo a questão da representatividade feminina<sup>3</sup>.

O intuito aqui é realizarmos uma abordagem sobre a vida, comportamento e o “modo operante”<sup>4</sup> do universo feminino da época, a rotina de um modo geral, o modo de se portar dessas mulheres e as “brechas”, para se sobreviver (e por que não se sobressair) em um ambiente de domínio masculino, regidas por normas e tradições familiares, de cunho estritamente patriarcal. A temática da mulher e suas distintas vertentes nos possibilitam ouvir as vozes que muitas vezes passam despercebidas, não somente delas (as mulheres), mas de todos os outros grupos, indivíduos e instituições que estão a elas interligados. Entender as

---

<sup>3</sup> SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajatória da historiografia das mulheres no Brasil*. Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223.

<sup>4</sup> Colocamos aqui modo operante para descrever as manobras que as mulheres das Minas utilizaram para se sobrepor aos domínios repressores, através de brechas na sociedade de cunho patriarcal.

instituições que permeiam esse universo, as práticas envolvidas e a representação do papel feminino constitui o intuito do presente capítulo, bem como as relações de poder que foram desenvolvidas. Levantar essas questões na América Portuguesa significa adentrar em um universo que nos permite vislumbrar os jogos de poder e a teia de relações por elas constituída. Qual seria o papel das mulheres, especialmente nas Minas, dentro das relações coloniais de poder? O que tiveram de enfrentar e como se posicionaram perante as adversidades impostas? Onde e como se sobressaíram e ao quê? Percorreremos os caminhos das mulheres escravas, libertas e senhoras, de forma a se pensar em um ambiente, no caso as Minas, fazendo uma abordagem generalizada das mulheres da época.

Na tradicional historiografia sobre as Minas, havia uma tendência a marginalizar as mulheres em sua história, sujeitada a uma predominância da mentalidade masculina na escrita histórica das Minas. Esse “silêncio” foi quebrado e o tema surgiu como campo definido de pesquisa para os historiadores, interessados em aprofundar o tema. Outros autores creditam ainda a abertura desse horizonte de expectativas em torno das mulheres à própria mudança na noção de ciência; cita-se ainda a contribuição do movimento feminista.<sup>5</sup> A cerca da história cultural, social e da micro história, campos historiográficos que, como a história das mulheres, da família e da vida privada, se desenvolveram nas últimas décadas, os estudos têm avançado no sentido de enfatizar mentalidades, valores, crenças, mitos e representações coletivas enquanto objetos de estudo<sup>6</sup>. A História das Mentalidades tem abordado temas mais específicos como a História das Mulheres, a História da Vida Privada e ainda a Micro História, viabilizando o estudo de biografias, aldeias, comunidades e detalhes de acontecimentos, cotidianos, que podem muitas vezes passar despercebidos.<sup>7</sup> Em consideração a história das mulheres nas Minas, ressaltamos ainda, a sua importância e relevância, como nos cita Oliveira: “Pensar sobre o papel social feminino no período colonial, em especial na região de Minas Gerais, remete-nos a uma imagem de que estavam vinculadas ao trabalho essencialmente doméstico, não desempenhando nenhuma outra atividade. A construção desta

---

<sup>5</sup> SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajatória da historiografia das mulheres no Brasil*. Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, 2008, p. 223.

<sup>6</sup> VAINFAS, Ronaldo. “História das mentalidades e História Cultural.” In: CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 147.

<sup>7</sup> CHEQUER, Raquel Mendes Pinto. *Negócios de família, gerência de viúvas. Senhoras administradoras de bens e pessoas (Minas Gerais 1750-1800)*. Dissertação. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

imagem é, em grande parte, influência da obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (2006), que realiza as primeiras análises sobre a estrutura familiar brasileira.”<sup>8</sup>

Na esfera da mulher escrava das Minas, no século XVIII, ela “era vista como representante do mal e da perversão”<sup>9</sup>, visão reforçada por influências da Igreja, somada a uma convicção da inferioridade intelectual feminina que é predominante na literatura e correspondências da época, como nos mostra Santo, em sua tese<sup>10</sup>, com essa passagem, ela nos exemplifica bem esse imaginário, as quais as mulheres eram associadas diretamente com imagens do mal:

*“A mulher é apresentada como potência sedutora da eterna Eva: origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida.”<sup>11</sup>*

Nesse período que compreende o século XVIII, a mulher escrava representava o “caos, o mal, a falta de ordem”<sup>12</sup>, facilitado por questões referentes à sua sexualidade: a condição de mulher, escrava, somados a perversão sexual e a sua baixa posição dentro de uma sociedade voltada ao domínio masculino. A prostituição entre mulheres escravas, livre e pobres, se proliferou de tal forma, que era sensível em amplo aspecto pelas Minas<sup>13</sup>, reafirmando a questão do domínio masculino, onde a mulher deveria satisfazer as vontades sexuais de seus maridos e senhores. Com a proposta e o interesse na história da mulher, surgem novas perspectivas na pesquisa, através de autores como Mary Del Priore (1995) Leila Mezan Algranti (1993), Luciano Figueiredo (1999), que evidenciam um novo papel, mais significativo e preciso sobre as mulheres escravas, salientando as suas várias faces, ao se envolver em diversas atividades econômicas, gerar renda as suas famílias e obter até mesmo

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Laizeline Aragão de. *Nos domínios de Dona Joaquina do Pompéu: Negócios, Família e Elites Locais (1764-1824)*. Dissertação. Mariana: UFOP, 2012. P. 15 e 16.

<sup>9</sup> SANTO. Cláudia Coimbra do Espírito. *Estratégias de sobrevivência nas Minas Setecentistas: Considerações Historiográficas*. Artigo. USP. P 1.

<sup>10</sup> Idem. P 1.

<sup>11</sup> PERROT, M. *Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Apud SANTO, op. Cit, p 2.

<sup>12</sup> SANTO. Cláudia Coimbra do Espírito. *Estratégias de sobrevivência nas Minas Setecentistas: Considerações Historiográficas*. Artigo. USP. P 3.

<sup>13</sup> PRADO JÚNIOR. Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*, p. 354. Apud SANTO, op. Cit, p 3.

licença de seus senhores para trabalharem, na venda de quitandas, por exemplo. Segundo Santo, “essas mulheres emergem como agentes históricos, construindo estratégias de resistência ao sistema escravista”<sup>14</sup>. As libertas em sua maioria, se dedicavam ao comércio ambulante, se prostituíam e com essa renda, pagavam seus tributos a coroa, contribuindo ainda, com a arrecadação fiscal.

Em relação às mulheres brancas, pertencentes às elites coloniais, temos atualmente um maior interesse nos estudos de caso, um pequeno número, mas já expressivo, nos vislumbrando as particularidades e as diferentes trajetórias dessas mulheres, temos mães, viúvas com e sem herdeiros... Mulheres que gerenciaram negócios e famílias, independentes do comando ou domínio masculino. Casos que vem romper e se sobrepor a antigos conceitos e/ou estigmas. Sobre a vida das mulheres na colônia, temos a ampla discussão a cerca do seu comportamento, sua sexualidade, sua omissão perante a figura masculina e sobre o impacto que elas tinham na sociedade:

“Discutiu-se de maneira exaustiva o discurso moralizador sobre o uso dos corpos das mulheres coloniais: das leis do Estado e da Igreja [...] à vigilância de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção [...] de velhos costumes misóginos, tudo confluía para [...]: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas”<sup>15</sup>

Na primeira metade do século XIX, contamos com as observações de viajantes estrangeiros, que tem ajudado nas pesquisas sobre o período, a cerca das mulheres brancas, notamos o forte traço da família patriarcalista, um ambiente familiar sujeito aos domínios masculinos, o que de fato, foi forte influência para se manter em silêncio as vozes e a presença das mulheres na escrita da História. Chequer nos relata sobre uma visita de Saint Hilaire, onde escreve:

---

<sup>14</sup> SANTO, Cláudia Coimbra do Espírito. *Estratégias de sobrevivência nas Minas Setecentistas: Considerações Historiográficas*. Artigo. USP. P 5

<sup>15</sup> ARAÚJO, E. “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia.” In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 45.

“Em viagem que fez à Vila Rica em 1816, visitou várias residências de homens de notável destaque nesta sociedade. Muito surpreendeu, a este viajante, o fato de não poder avistar uma única esposa durante as suas visitas.”<sup>16</sup>

O fato de encontrarmos relatos de mulheres nas Minas, como é o caso de Clara Felícia da Rosa, que abordaremos nos capítulos a seguir, nos mostra a especificidade de certos lares, onde as mulheres gerenciavam os negócios dos falecidos maridos, ativamente. A trajetória dessa mulher se torna interessante pelos problemas que nos são apresentados e pela forma em que lidou com tantas dificuldades. As diferenças de gêneros e os estigmas que se criavam em torno dessas mulheres brancas, eram de mulheres domesticadas, incapazes de raciocínio lógico, sequer para um diálogo.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> CHEQUER, Raquel Mendes Pinto. *Negócios de família, gerência de viúvas. Senhoras administradoras de bens e pessoas (Minas Gerais 1750-1800)*. Dissertação. Belo Horizonte: UFMG, 2002. P 18

<sup>17</sup> QUINTANEIRO, Tânia. *Retratos de mulher: o cotidiano feminino sob o olhar de viajantes do século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. apud CHEQUER, Raquel Mendes Pinto. *Negócios de família, gerência de viúvas. Senhoras administradoras de bens e pessoas (Minas Gerais 1750-1800)*. Dissertação. Belo Horizonte: UFMG, 2002. P 18

## 2. A QUESTÃO DA HONRA: A GESTÃO DE FAMÍLIAS E NEGÓCIOS

As atividades mineradoras levaram muitos indivíduos a arriscarem os seus destinos na América Portuguesa. Em busca de rápido enriquecimento e prestígio, o século XVIII, conhecido como século do ouro, foi um período de glória para muitos que se aventuraram nas terras das Minas. A América Portuguesa vivia um período de expansão, a extração do ouro enriqueceu as regiões que estavam estagnadas pela crise açucareira, a movimentação das rotas comerciais de abastecimento, tráfico de escravos, dentre outros fatores, gerou uma dinamização que possibilitou o crescimento e diversidade da economia. Nota-se que nesse período, as atividades agrícolas eram, praticamente, para subsistência. É importante salientarmos a forma de obtenção de riqueza nas Minas, e tentar entender o complexo sistema social que aqui se formou, as mulheres transitaram em um ambiente onde várias ambigüidades se faziam presentes: riqueza e miséria, preconceitos e formalidades, abusos e concessões.

Essas transformações na sociedade são importantes de serem observadas, pois significavam a mudança e ampliação de espaços urbanos, resultado de um processo posterior, que segundo Magali Engel, pode ser fortemente notado à partir de 1850, onde os traços da então sociedade brasileira iam se consolidando e sendo fortalecidos. Essas mudanças ajudam a delinear as novas direções de política de controle social, regidos por parâmetros burgueses, diretrizes da modernidade e progresso. Como ele nos mostra em seu texto:

“Impunham, de acordo com as expectativas e interesses dominantes, a formulação e a execução de novas estratégias de disciplinarização e de repressão de corpos e mentes sedimentados, por exemplo, sobre uma nova ética do trabalho e sobre novos padrões de moralidade para os comportamentos afetivos, sexuais e sociais.”<sup>18</sup>

Uma mudança interessante que Engel nos incita a observar, e se torna conveniente para nosso debate, é o processo de “*medicalização da loucura*”<sup>19</sup>, onde se convencionava quem era louco, quem não era, quem tinha razão e quem não. Era mais uma forma de controle

---

<sup>18</sup> ENGEL, Magali. “Psiquiatria e Feminilidade”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 322.

<sup>19</sup> Idem, p. 322.

do Estado de acordo com os seus interesses. As mulheres em específico sofriam a duras penas com as medidas da Administração Colonial. Quando se enviuvavam, se julgassem que as mesmas não eram aptas a administrar a herança de seus maridos, eram impedidas de administrar as mesmas, com aparatos de ordem médica, onde a sua incapacidade era atestada. Engel ainda nos explicita que:

“A partir do final do século XVIII, a histeria, ao lado da hipocondria, passaria a figurar ‘sem problemas, no brasão da doença mental’. Entre os aspectos que marcaram a complexa trajetória desse processo de integração destaca-se a preservação de uma íntima associação entre a histeria e a mulher, cujo corpo, *frágil e flácido*, seria concebido como ‘mais facilmente penetrável’ do que o espaço interior masculino”.<sup>20</sup>

Para pensarmos na questão da honra, iremos começar debatendo sobre o despertar da sexualidade feminina, que sempre foi motivo de preocupação e de controle por parte dos senhores patriarcais. A perda dessas amarras representava uma ameaça ao equilíbrio doméstico e a soberania masculina. Emanuel Araújo em seu texto, nos transporta para uma realidade bem típica à época, esse seria o estereótipo desejável para se conter a sexualidade feminina, os bons costumes, a boa honra:

“Corre a missa. De repente, uma troca de olhares, um rápido desvio do rosto, o coração aflito, a respiração arfante, o desejo abrasa o corpo. Que fazer? Acompanhada dos pais, cercada de irmãos e criadas, nada podia fazer, exceto esperar. Esperar que o belo rapaz fosse bem-intencionado, que tomasse a iniciativa da corte e se comportasse de acordo com as regras da moral e dos bons costumes, sob o indispensável consentimento paterno e aos olhos de uma tia ou de uma criada de confiança (de seu pai naturalmente).”<sup>21</sup>

No texto o autor nos mostra que essa obsessão em limitar a condição feminina, era de fato muito difícil de controlar, faltava à tradicional historiografia levar em conta um importante aspecto: A explosão dos desejos femininos. Esse desejo, além de ameaçar o

<sup>20</sup> Idem. Apud. Michel Foucault. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1972, p 279.

<sup>21</sup> ARAÚJO, Emanuel. “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P 45

equilíbrio doméstico, também ameaçava “a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.”<sup>22</sup> O autor cita uma passagem de Paulo de Tarso, que muito exemplifica esse domínio e preocupação da igreja em deixar a mulher sobre rígido controle:

“Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças; nem objetos de ouro, pérolas ou vestuários suntuosos; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas. Durante a instrução, a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou doutrine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade.”<sup>23</sup>

A igreja nunca as deixava esquecer-se da sua condição, os papéis das mulheres eram sempre relegados a uma camada secundária. Em meio a essas adversidades, as mulheres encontravam a sua forma de chamar a atenção, de não ser obviamente, mulheres padronizadas, digamos assim, verdadeiros objetos, pré-criados e assim concebidos. A forma de se vestir, de se portar e de se tratar através de roupas com tecido de qualidade as escravas que acompanhavam as ricas senhoras brancas. Algumas utilizavam dos artifícios da pouca roupa, para chamar a atenção, escravas e prostitutas brancas assim a faziam.<sup>24</sup> Dessa forma, as mulheres não sucumbiram às amarras da igreja, da sociedade, e das regras que o gênero masculino impunha.

A questão da honra assim vemos, é ligada diretamente à questão da sexualidade feminina. As mulheres eram observadas o tempo todo, criadas sobre o olhar do estado, da igreja e pelos homens da sua família, seguindo fielmente um modelo da metrópole, as leis e imposições na América Portuguesa se faziam presentes. Em um ambiente em que a sua moral devia ser preservada, segundo os “bons costumes”, observamos uma forte restrição das mulheres em diversos setores da sociedade, como nos cita Luciano Figueiredo:

---

<sup>22</sup> Idem. P 45

<sup>23</sup> Ibidem. P 46

<sup>24</sup> Ler mais sobre o modo de se vestir em ibidem p 54

“Estiveram nas Minas excluídas de qualquer exercício de função política nas câmaras municipais, na administração eclesiástica, proibidas de ocupar cargos da administração colonial que lhes garantissem reconhecimento social. Os papéis sexuais na colônia reproduziam o que se conhecia na metrópole.”<sup>25</sup>

A Sexualidade feminina, também carece de maior ênfase na historiografia, embora nos últimos anos, uma gama maior de historiadores vem demonstrando interesse em fazer com que esse tema seja inserido na historiografia brasileira. Concepções sociais, culturais e políticas, tem despertado cada vez mais o interesse para a construção identitária de grupos distintos, e cada vez mais a questão de gênero e sexualidade vem sendo inserida. A família se torna interessante de ser observada por conter princípios, identidades, indivíduos e um padrão de regras que levam em conta um conjunto de normas, que são passados através da educação, que são regidos por processos culturais, fatores sociais e econômicos, padrões de vida que regem determinados períodos, sendo possível de se construir um maior entendimento de posturas e valores vigentes da época. Gregório em seu artigo sintetiza bem a condição a que as mulheres eram expostas:

“Sendo a sociedade colonial conservadora, patriarcal e escravagista, o senhor branco fazia o que bem entendia, e as mulheres eram consideradas patrimônio dele. Quando casavam, as mulheres brancas saíam do jugo de seus pais e adentravam no jugo de seus maridos; as escravas eram objeto de suas luxúrias e esses faziam delas o que desejavam, sem nenhuma impunidade. O corpo feminino deveria servir aos prazeres do branco colonizador e a ideia de miscigenar explica essa mistura, cujo objetivo era juntar sexualmente corpos de raças e etnias diferentes, em condições sociais desiguais.”<sup>26</sup>

As mulheres eram tidas como objetos sexuais, estigma que nos leva a refletir sobre a condição das mulheres nos dias de hoje. A desigualdade de condições de trabalho e na

---

<sup>25</sup> FIGUEIREDO, Luciano. “Mulheres nas Minas Gerais”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. P 142.

<sup>26</sup> GREGÓRIO. Maria de Fátima. *Mulheres, corpos e pecado: uma discussão sobre a questão da condição feminina no Brasil Colônia*. Revista Histórica. Artigo publicado na edição nº 45 de dezembro de 2010.

justiça, ainda são latentes. No entanto, encontramos casos no decorrer da nossa pesquisa, que nos chamaram a atenção e a trajetória de resistência e de manobras para se esvair dessa conceituação das mulheres na América Portuguesa, é o tema do próximo capítulo.

### **3. QUEBRANDO PARADIGMAS: AS MULHERES QUE RESSIGNIFICARAM A POSTURA DAS MULHERES NAS MINAS – O CASO DE CLARA FELÍCIA DA ROSA (Mariana, Minas Gerais, 1720 - 1785)**

Encontramos nas Minas casos de mulheres que romperam com essas barreiras, dentro de tantas limitações e empecilhos, nos deparamos com mulheres que puderam (re) escrever os seus destinos. Nesse capítulo, iremos trabalhar com os documentos referentes à Clara Felícia da Rosa, conjunto documental que se encontra no arquivo do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, denominado “Casa do Pilar”, no fundo arquivístico do Barão de Camargos. Essa documentação constitui um amplo material para análise, no entanto, nos limitaremos ao foco do trabalho de Conclusão de Curso, a outra parte da documentação, será trabalhada no curso que segue em andamento no Programa de Pós Graduação em História, da Universidade Federal de Ouro Preto. Destacamos aqui o fato de que é pouco comum de se encontrar uma documentação privada ou pessoal nos arquivos, esse material se apresenta com valiosas fontes que serão de suma importância para o estudo. O acervo especificado possui o recorte temporal de 1760 até 1784, que são as datas limites que se encontram no fundo dedicado a ela, intitulado com o nome da própria Clara. O arquivo “Casa do Pilar” conta com amplo acervo documental sobre a região de Ouro Preto e Mariana, com essa documentação, temos a possibilidade de encontrar mais detalhes a cerca da origem de Clara Felícia da Rosa, da sua história e de seu legado. Dentre esses fundos, destacam-se o do seu marido, Manoel de Oliveira Pinto, o da sua irmã, Paula Felícia da Rosa, além da expectativa de se encontrar a documentação dos seus pais, podendo esses documentos servirem de suporte complementar a pesquisa no Mestrado. A análise desses documentos nos ajudará a obter dados mais precisos sobre a vida da Clara, como possível data de nascimento e origem. O acervo referente à Clara Felícia da Rosa conta com aproximadamente 300 documentos, entre créditos de venda, compras, recibos, cartas, contas, petições, certidões de missas, procurações, rol de gastos com o seu funeral, correspondências, além de documentos diversos e sem data cronológica passíveis de análise.

Além da discussão empírica e documental aqui apresentada, o enfoque teórico também nos abre grandes possibilidades. O estudo de gênero se torna conveniente para as pesquisas que buscam obter maior riqueza de detalhes sobre o que se encontra obscuro ou pouco observado. Neste particular, as (re) valorizações dos registros da memória, a utilização

das correspondências familiares, dos diários e das fotografias contribuiu de maneira expressiva para complementar a história das mulheres, uma vez que a “verdade” passou a incorporar também o subjetivo, o pessoal e o único. Todavia, ainda há espaço na história para se investigar mais fatos a cerca desse universo feminino, embora tenha havido crescimento expressivo a partir dos anos 70, a história ainda carece de mais espaço e a afirmação dessas mulheres, que, como no caso de Clara, pode se destacar como uma importante figura local. Como podemos comprovar pela própria bibliografia escolhida, ainda há lacunas na investigação de alguns elementos. Como nos mostra Del Priore, “mais do que falar sobre as misérias da vida feminina, importava decodificar quais poderes informais e estratégias as mulheres detinham por trás do poder masculino e como articulavam a subordinação e a resistência”.<sup>27</sup>

Nesse estudo de caso, selecionamos dois documentos, do fundo do Barão de Camargos da Casa do Pilar, para analisarmos um pouco da trajetória de Clara Felícia da Rosa e porque ela se tornou conveniente para a nossa proposta de estudos:

No documento do anexo I, segue a transcrição:

“Devo q pagarey a João Carv° da Silva Cento e cincoenta oitavas de ouro [por Sedidas] de hum mullato q lhe comprey porno me Manoel aqual comprey ameu contento assim empreço com em bondade aqual quantia pagarey a elle dito ou aguem este me mostrar edafeitura deste a quatro annos sem aviso por duvida algua. P. <sup>a</sup> oq obrigo minha pessoa e bens e espesialm.<sup>te</sup> odito molato entre a ultima satisfação e por assim ser verdade repasey este somentes por mim assinado Sumidouro cinco de agosto de mil e sete centos e sesenta e dous anos.

Manoel de Oliveira Pinto

D. Clara Felícia da Rosa“

Neste documento, vemos que Clara moradora da região do Sumidouro, assina o documento juntamente com seu marido, ainda vivo, o que permite várias interpretações. Até o momento, não temos uma posição bem definida do porque ela assina com o marido, poderia servir de testemunha, ou ainda poderíamos ver a Clara aqui como uma possível parceira ou intermediária de negociações... O que já é uma exceção á épica, uma vez que os maridos eram considerados “os cabeças” dos negócios, numa sociedade de forte cunho patriarcal, sendo

<sup>27</sup> DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. OP. Cit., p 38.

independentes de autorizações de suas respectivas esposas. Além do poder aquisitivo de compra do escravo, a negociação e os tramites, destacamos a propensão de Clara para os negócios, a sua ativa participação, mesmo na presença do marido.

Em outro documento, nos deparamos com Clara em outro momento, onde já se encontra viúva do marido Manoel de Oliveira Pinto:

## Anexo 2

“Diz D. Clara Felicia Roza viuva que ficou de Manoel de Olivr.<sup>a</sup> Pinto moradora no Sumidouro que [...] Seu marido ficou de vendo hum cred<sup>o</sup> como herdeira de seu pay, epelo mesmo ate executar eaConta desta execução tem dado a executada ao procurador da mesma Manoel Joze Per<sup>a</sup> Ca[...] ta e oito oitavas deouro elhenão tem dado mais pela rezão do pou co ouro que tira na sua lavra o repartir pelos mais credores, ahecontinuou a ex zecução pela qual foi requerida p<sup>a</sup> nomear bens apinhora o que [afirmo] ter no termo da ley nomeando lhe huma sis maria deterra deplanta no curvo limpo termo de Marianna aqual mandou aSuplicada avalias pelos louvados dojuizo, que avaliaram em sento e sincoenta mil reis nestes termos Sesujeita ASupt<sup>e</sup> que [haremate] p<sup>a</sup> seu pagamt<sup>o</sup> e selhe restar inda alguma couza [passe] aoutros bens noCaso delhenão quiser [...] que lhe pague com ouro e como de presente o procurador da Credora intimou aSupt<sup>e</sup> hum despaxo de V. Ex.<sup>ca</sup> noqual determina, que atemda a Supt<sup>e</sup> aSuplicada como for justo emforma, que lhe não torne asua prezença o tal requerim<sup>to</sup> pelo que como mulher viuva, e muito [modesta] recorre a inata piedade de V. Ex. <sup>ca</sup> p.<sup>a</sup> q.<sup>a</sup> lhe conceda tempo convincente p<sup>a</sup> lhepoder pagar eanão querer, que remate ad.<sup>a</sup> Sys maria pinhorada esse ainda lherestar ofará Com mais bens, que não pertencão a fabrica mineral. [...] Ex.<sup>ca</sup> atemda apobre Supt<sup>e</sup> que por causa de infortúnios não paga [...] m<sup>te</sup> aquem deve Rogará a D.<sup>s</sup> pela vida e saúde de V. Ex.<sup>cx</sup>

Clara Felicia da Rosa

ERM”

Aqui nos deparamos com Clara em uma difícil situação, com a saúde debilitada e tratando de negociar uma dívida herdada do falecido marido, ela negocia diretamente com o governador, observamos as suas manobras de estratégia em preservar a sua fonte de renda: A “fábrica mineral”. Ela procura penhorar os seus outros bens, pagar suas dívidas e honrar o nome de sua família, mas deixa claro a sua preocupação em preservar a sua fonte de renda, talvez por um acordo com quem cuidara dela (Já que não se encontrou registros de Clara e Manoel com filhos para herdar seus bens), ou um esforço para não levar a falência o

patrimônio da sua família. Outra observação importante a ser feita, é a comparação das assinaturas nas duas imagens: Na imagem 01, Clara possui o traço firme, assina com clareza o seu nome. Já no segundo documento, temos uma assinatura trêmula, de difícil escrita, possivelmente resultantes do estado delicado de saúde em que se encontrava.

Com o caso de Clara Felícia da Rosa, encontramos uma mulher com potencial para lher dar com negócios, em um ambiente de difícil consolidação social nessas condições.

## Conclusão

No decorrer desse trabalho, procuramos através da leitura de artigos e textos, elementos que permitiram a observação do itinerário das mulheres pelas Minas, somados a leitura crítica dos documentos. As fontes mobilizadas para esta pesquisa são delimitadas por três ordens, que optamos por dividir em três capítulos: Em primeiro lugar, procuramos contextualizar a forma de inserção da escrita da História em que nos compete esse trabalho, a questão do gênero se torna conveniente para a melhor análise do trabalho e por fortalecer o campo da História das Mulheres no Brasil, dando enfoque as mulheres das Minas, nos séculos XVIII e XIX. Em um segundo momento, procuramos tratar da questão da honra, que concluímos estar diretamente ligada à sexualidade, expomos as dificuldades que as mulheres enfrentaram, o ambiente que as circundava e procuramos dar enfoque as assuntos que fugiam do padrão da tradicional historiografia. No terceiro e último capítulo, trabalhamos com os documentos referentes à Clara Felícia da Rosa, compreendendo o período referente às delimitações cronológicas do projeto. Por meio desses documentos, foi possível examinar a composição da rede de contatos que envolvia o meio social da viúva, bem como suas tentativas de relações e consolidação dos negócios da família, bem como a relação que ela exprimia com a sociedade patriarcal das Minas setecentistas.

No decorrer dessa pesquisa, procuramos discutir aspectos, de forma generalizada, das mulheres das Minas, ressaltando a relação com aqueles que constituíam sua família, cotidiano e contribuíram para a observação das relações que as mesmas constituíram. Os trabalhos sobre a temática das mulheres ainda carecem de pesquisas mais direcionadas, há muito a ser trabalhado. O nosso objetivo aqui foi fazer apontamentos que possam direcionar e servir de contribuição para novas pesquisas. As observações a cerca da Clara, possibilitou observar a sua aptidão para direcionar e tomar os negócios do falecido marido. Ao mesmo tempo, torna-se possível acompanhar a conjuntura de sua realização, na tentativa de unir o geral e o particular de modo dinâmico, ou seja, evitando construir, por trás da história de Clara, apenas mais uma espécie de biografia, mas buscando fazer uma análise de modo que, a partir do micro, se possa colaborar para a interpretação das mulheres que viveram em Minas Gerais na época em questão.

## Anexos:

## Imagem 01

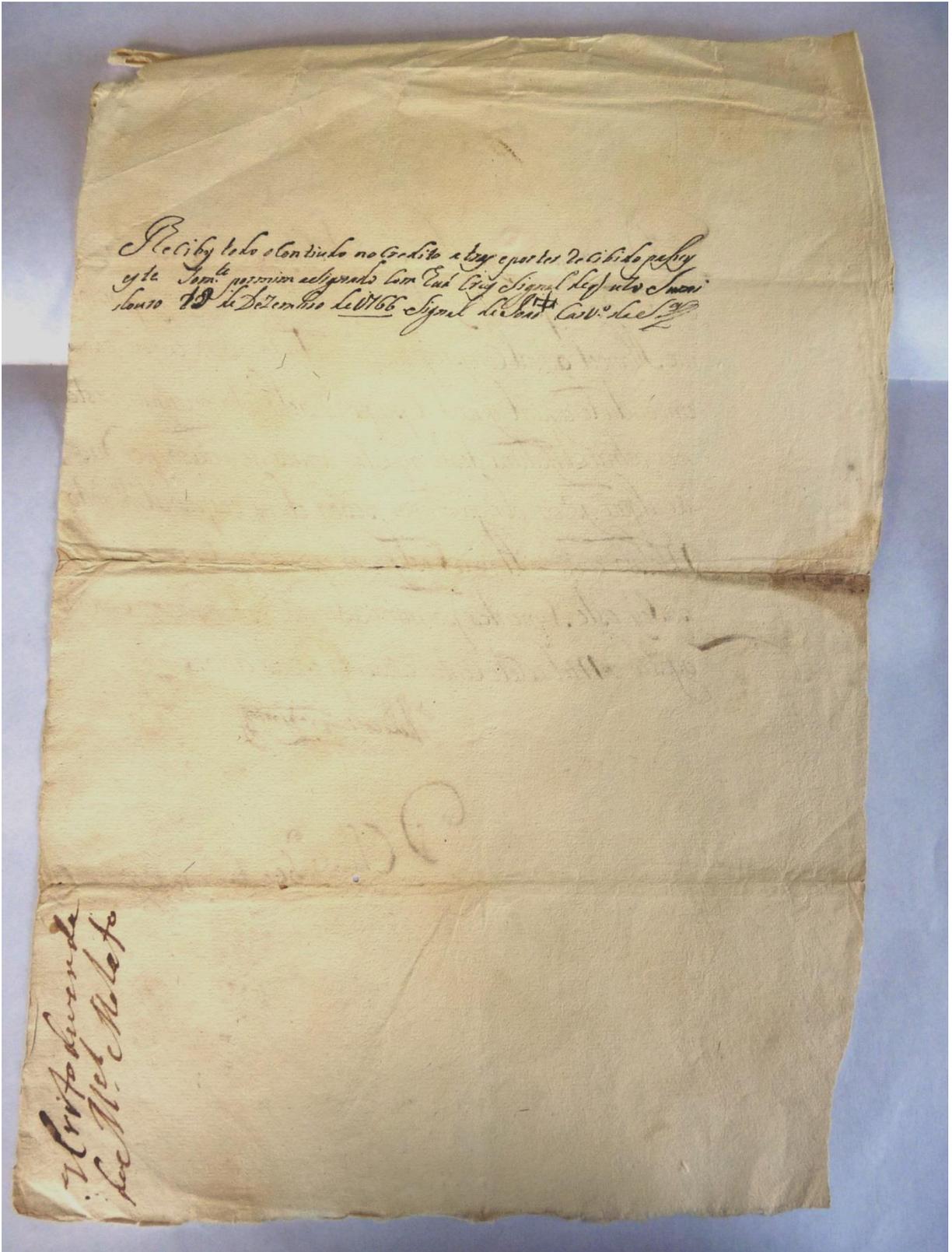
Devo q pagarei a João Caru da Silva cento e cincoenta  
 oitavas de ouro por se d'ou de um Mulato q he comprado por no-  
 me Manoel a qual comprei a meu contento a sim empreço com  
 embordade a qual quantia pagarei a elle dito ou a quem este  
 me mostrar a defeitura deste a quatro annos sem aviso por duvi-  
 da aliqua p.º og obrigo mitta pessoa e bens e especialm.º d'ito  
 Mulato emte a ultima satisfacão e por a sim ser verdade he  
 pa sey este sementes por mim a sinado Sumidouro em 10 de  
 agosto de mil e sete centos e sessenta e duas annas

Manoel de Castro

Clara Felícia da Rosa

Museu Da Inconfidência. Casa do Pilar. Fundo do Barão de Camargos. Ouro Preto - MG: Crédito de venda, Sumidouro 1762. Clara Felícia da Rosa deve a João Carvalho da Silva, por um mulato que comprou por nome Manoel.

## Imagem 02



Museu Da Inconfidência. Casa do Pilar. Fundo do Barão de Camargos. Ouro Preto - MG: Recibo de 1766.

Ill. Ex. m. Senhor

D. Clara Felícia Rosa Viúva, que ficou  
 de Manoel de Oliveira Pinto moradora no Sumidouro que do seu  
 marido ficou devendo hum Créd. da quantia de duzentos, e sessenta mil  
 reis a Emilianã Per. Carni. Como herdou de seu Bay, e pelo  
 mesmo afes executar, e a conta desta execução tem dado a Exe-  
 cutada ao Procurador da mesma Manoel Joze Per. Carni. Corren-  
 ta, e oito oitavas de ouro, e thenão tem dado mais pela razão do pro-  
 ce curso, que tira na sua lavra o reparar pelo Mai Crédore, e he conti-  
 nuou a execução pela qual foi requerida se nomear bey a pnhora  
 e que afim fez no termo da ley nomeando he humo S. Maria de Vila de Vila  
 nã no Curvo tempo termo de Marianna a qual mancoo a duplicada ava-  
 luar pelo louçador de Juaze, que avaliarão, em Setecentos e sessenta mil re-  
 is neste termo se sujeita a dupl. que there nã se. seu pagam. e de he  
 gatar inda alguma Couza pape aoutro bey no caso de thenão quizer  
 e porar que he pague Comouro, e como de prezente o Procurador da Bre-  
 dora intimou a dupl. humo de Juaze de V. Ex. no qual determina que atten-  
 da a dupl. a duplicada como se justo conforma, que there nã torne a pua  
 prezença o lã requirido pelo que como Mulher Viúva, emuito Molto  
 recorre a inalta pãdade de V. Ex. p. q. he conceda tempo Comvenien-  
 te p. he pãdos pagos, e nã quizer, que remate de. S. Maria pnhora  
 da escanda he restar o parã Com mais bey, que nã pertencã a fabrica  
 mineral;

P. V. Ex. atenda apobre Supl.  
 que por causa de infortunio nã paga pãda  
 da m. aquem deve. Pagará a P. pela vida  
 estade de V. Ex.

Clara Felícia Rosa  
 E. R. M.

Museu Da Inconfidência. Casa do Pilar. Fundo do Barão de Camargos. Ouro Preto - MG: Contas de Clara Felícia da Rosa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTAIS

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: Ed. UnB, 1993.

ARAÚJO, Emanuel. “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-77.

BRUGGER, Silvia Maria Jardim. *Minas Patriarcal Família e Sociedade (São João del Rei – Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Ed. Annablume, 2007. Introdução, capítulos I e IV.

CHEQUER, Raquel Mendes Pinto. *Negócios de família, gerência de viúvas. Senhoras administradoras de bens e pessoas (Minas Gerais 1750-1800)*. Dissertação. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CUNHA, Maria de Fátima da. Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença. *História e Ensino. Revista do Laboratório de Ensino de História*, v. 6 /2000, p. 141-161.

DEL PRIORE, Mary. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 78-114.

DEL PRIORE, Mary. “História das mulheres: as vozes do silêncio”. In: FREITAS, M. C. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2001, p 217-235.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. São Paulo: EDUSC, 2002.

ENGEL, Magali. “Psiquiatria e Feminilidade”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIGUEIREDO, Luciano. “Da Catalunha a Vila Rica: Troca de soberania e experiências modernas no Brasil Colônia”. In: VAINFAS, Ronaldo e MONTEIRO, Rodrigo Bentes. (Org.). *Império de várias faces*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 241-252.

FIGUEIREDO, Luciano. “Mulheres nas Minas Gerais”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-188.

LEWKOWICZ, Ida & GUTIÉRREZ, Horácio. As viúvas em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. *Estudos de História*. Franca, v. 4, n. 1, 1997, p. 129-146.

LEWKOWICZ, Ida. *Vida em Família: Caminhos da igualdade em Minas Gerais (Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: 1992.

Museu Da Inconfidência. Casa do Pilar. Fundo do Barão de Camargos. Ouro Preto – MG.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo: T. A. Queiroz, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. V. Ribeiro. Bauru-SP: Edusc, 2005.

SANTOS, Alessandra Soares. “Francisco Iglésias e as interpretações do Brasil: Notas sobre um discurso Historiográfico”. *Anais da ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza*, 2009.

SCOTT, Joan. “História das Mulheres”. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-96.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. *Politeia: História e Sociedade*, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2008.

SCHWARTZ, B. Stuart. “Impérios intolerantes: unidade religiosa e o perigo da tolerância nos impérios Ibéricos da época Moderna”. In: VAINFAS, Ronaldo & MONTEIRO, Rodrigo Bentes. (Org.). *Império de várias faces*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 25-48.

VAINFAS, Ronaldo. “Homoerotismo feminino e o Santo Ofício”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 115-140.

VENÂNCIO, Renato Pinto. “Maternidade Negada”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 189-239.

